

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INTEGRAL INTEGRADA NA
ESCOLA CONTEMPORÂNEA

**QUE SIGNIFICADOS TEM AS APRENDIZAGES CONSTRUIDAS ATRAVÉS
DAS OFICINAS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO PARA OS ALUNOS DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO**

ELAINE TEREZINHA SCHMIDT SCHUCK

Porto Alegre, 2013.

ELAINE TEREZINHA SCHMIDT SCHUCK

**QUE SIGNIFICADOS TEM AS APRENDIZAGES CONSTRUIDAS ATRAVÉS
DAS OFICINAS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO PARA OS ALUNOS DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Integral Integrada na Escola Contemporânea da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciência do Movimento Humano.
Orientador: Prof. Mestre Rochele Santaiana

Porto Alegre, 2013.

QUE SIGNIFICADOS TÊM AS APRENDIZAGES CONSTRUIDAS ATRAVÉS DAS OFICINAS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO PARA OS ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO

RESUMO

O presente artigo pretende mostrar a importância do Programa Mais Educação para os alunos inscritos no mesmo. O que os faz estarem ali, que aprendizagens eles constroem através das oficinas que frequentam. Foi utilizado como metodologia uma aproximação e o uso de questionário a ser respondido pelos alunos que integram o programa, com o intuito de conhecer porque dos alunos estarem no Programa Mais Educação e que aprendizagens são construídas por eles no programa. O referencial teórico que embasa as discussões é construído com autores que tratam sobre educação integral e juventude.

Palavras-chave: Aluno. Aprendizagens. Mais Educação.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende mostrar a importância do Programa Mais Educação para os alunos inscrito no mesmo. O que os faz estarem ali, que aprendizagens eles constroem através das oficinas que frequentam.

Procurando conhecer melhor esses alunos foi considerado importante saber por que estão e o que os mesmos pensam a respeito do Programa Mais Educação. Bem como identificar com quais as oficinas eles mais se identificam e porque não se identificam com outras. Considerou-se também analisar o que eles pensam a respeito dos monitores dessas oficinas e como na opinião dos alunos esses educadores são importantes para a sua formação enquanto seres em formação em todas as suas dimensões, a cognitiva, a social e por que não falar da afetiva uma vez que é claramente perceptível a construção de uma relação de cumplicidade de demonstração de prazer por fazer parte do universo em que estão inseridos os alunos do Programa Mais Educação e os Monitores que ministram as oficinas.

Tais questionamentos foram importantes para pensar sobre o posicionamento dos alunos quanto às diferenças entre as aulas do turno regular e as atividades oferecidas através do Programa Mais Educação, foi elaborado o seguinte questionário:

Por que você Frequenta o Programa Mais Educação?

De qual oficina você mais gosta? Por quê?

Não gosta de alguma delas? Por quê?

Como você vê o monitor das oficinas?

Qual é para você a principal diferença entre uma aula e uma oficina?

Costuma sair com amigos ou colegas? Que lugares frequentam.

Será feita uma análise a partir das respostas dos alunos com a pretensão de buscar uma melhor compreensão de como as aprendizagens construídas através das oficinas do Programa Mais Educação refletem na sala de aula. Especialmente espera-se perceber quais as contribuições do Programa Mais Educação para a concretização de ações que valorizem e respeitem as diferenças e a diversidade cultural existentes na comunidade na qual os alunos estão inseridos.

Para Silva (2008), o outro cultural apresenta-se como problema, pois coloca em xeque nossa própria identidade. A questão da identidade e da diferença e do outro é um problema social e, ao mesmo tempo, pedagógico e curricular.

Sobre essa questão, é interessante refletir a partir da reflexão de Silva.

Social porque, em um mundo homogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente é inevitável. É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica curricular. (SILVA, 2008, p. 97)

Muito se fala em formação cidadã, mas a escola esquece-se de que para ser cidadão a pessoa precisa antes de qualquer coisa, saber o que ética, como e onde se aprende a ser ético, que questões envolvem este viver com sabedoria, dignidade e respeito pela humanidade.

A escola hoje está se dando conta que é necessário uma pedagogia de estímulo, incentivo e respeito a novos saberes, novas práticas de aprendizagens, no turno integral e no currículo. Portanto, o sujeito, ao incorporar um novo

conhecimento, resultante de sua inserção com os demais sujeitos que integram a sua comunidade escolar.

Reconhecer cada aluno como cidadão capaz de atuar na comunidade a qual pertence é condição primeira para que a educação integral de fato ocorra. Através da busca pelo reconhecimento de que todos os saberes são importantes que os currículos se constituirão como forma de tornar a escola uma comunidade de aprendizagem que dialoga com todos ao seu entorno.

O Programa Mais Educação, desta maneira, pode ser entendido como um processo de integração e interação recíproca, onde as estruturas das disciplinas nele envolvidas são rompidas, de modo que se alcance uma visão mais unitária e comum do saber trabalhado em parceria, o qual é resultado de um conjunto de ações interligadas de caráter totalizante e, ao mesmo tempo, livre de qualquer visão parcelada. Isto, por sua vez, acaba por superar as atuais “fronteiras” disciplinares e conceituais, dando lugar a conteúdos considerados e trabalhados numa perspectiva ampla, o que irá favorecer, cada vez mais, a participação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

MOLL(2009) nos remete ao entendimento de que:

O que se caracteriza como uma Educação Integral [...] é o reconhecimento da necessidade de ampliar e qualificar o tempo escolar, superando o caráter parcial e limitado que as poucas horas diárias proporcionam, em estreita associação com o reconhecimento das múltiplas dimensões que caracterizam os seres humanos. (MOLL, 2009, p.13).

Os estudantes precisam aprender a estabelecer relações do conhecimento escolar com fatos do cotidiano para que possam intervir criticamente por meio de investigações e interpretações, criando estratégias de resolução de problemas em diversas situações. E a dinâmica do programa Mais educação no nosso entendimento vem contribuir para que essas relações aconteçam efetivamente. Fazendo com que os indivíduos leiam, escrevam e interpretem as situações sociais transpondo-as como uma produção histórico-cultural passível de transformação.

2 OS ALUNOS PARTICIPANTES DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Os alunos participantes dessa pesquisa estão regularmente matriculados na escola (devo colocar o nome da escola? nas Séries Finais o Ensino Fundamental, com idades entre 11 a 17 anos. Esses alunos atenderam ao convite e participam do Programa Mais Educação por vontade própria e com o consentimento dos pais.

Aluno A (12 anos, Sexto Ano):

“Eu faço parte do Mais Educação porque é legal, a gente pode ficar mais tempo com os colegas de todas as turmas, conversar e ouvir música no recreio, jogar pingue-pongue e até de almoçar eu gosto, em casa eu não almoço, não gosto de comer sozinho.”

A partir da fala do aluno apreço com evidência a importância do elemento socialização, que sem dúvida nenhuma faz parte da formação do sujeito como ser em sua totalidade.

O fato de poder conviver durante um espaço de tempo maior com colegas de diferentes turmas é significativo e prazeroso, além disso, ressalta que conversar e ouvir música e jogar pingue pongue também pode ser é um dos fatores que o levaram a participar do Programa Mais Educação.

Aluno B (13anos, Sétimo Ano):

“Por quê aula é para estudar e as oficinas (do Mais Educação) são para agente fazer o que gosta. Na aula a gente copia muito e não se diverte e no Mais Educação a gente se sente muito a vontade e gostar de ficar.”

Aluna C (15 anos, Sétima Série):

“A aula de Inglês é legal mais a oficina é muito mais. Não sei como aprendo tantas coisas se na aula eu não aprendo nada. A oficina é legal e a aula cansativa. Adoro violão eu sempre quis tocar. Adoro Percussão e dança. Na aula a gente só bagunça e na oficina a gente aprende e se diverte.”

Na fala desses alunos fica evidente a importância do Programa Mais Educação com a possibilidade de construção de aprendizagens que valorizem outros saberes até então não reconhecidos pelo currículo escolar. A escola enquanto espaço educativo por vezes pode se apresentar pouco interessante para o sujeito aprendiz, que espera mais do que esta oferece como oportunidade de

desenvolvimento de suas potencialidades e acaba por não aproveitar as habilidades que este traz consigo.

Aluno D (17 anos Oitava Série):

“Fico na rua gritando com as pessoas que passam a minha mãe fica preocupada com isso, às vezes as pessoas são traficantes.”

ALUNO F (15 anos, Sétima Série):

“Os meus colegas ficavam falando do Mais Educação durante o recreio. Então, eu fiquei curiosa e quis vir para as oficinas também. Nem acredito! Estou adorando a oficina de Matemática agora. Não sei como isso é possível.”

O fato de participar do Programa Mais Educação representa para o aluno inserido no mesmo um desafio um o leva ao querer aprender aquilo que para ele parece impossível, o fato da aluna estar se apropriando dos conteúdos de disciplina de Matemática através de jogos no espaço da sala de informática é algo tão significativo, que a deixa maravilhada.

ALUNO G (14 Aanos Sesta Série)

“Esse é o terceiro ano que eu estou no Mais Educação. Antes eu não gostava de ficar o dia inteiro na escola. Agora acho legal saber tocar violão. Sabe, eu ganhei um violão de aniversário. Os meus pais adoram me ouvir tocar. Eu toco com o meu primo. “

Na construção “do” EU” social os jovens buscam sua identidade ao incorporar um conhecimento. O sujeito que aprende se insere no mundo enquanto ser social que se transforma, que dialoga com aqueles com os quais convive interagindo para que juntos construam aprendizagens , comportamentos sociais, e identidade que os insere em determinado grupo.

Marquês (2008),

A epistemologia genética defende a construção individual mediante a interação entre sujeito e objeto (mundo físico e social) e entre as condições internas do sujeito e as condições do meio físico. Quanto

maior for à oferta de estímulo serão maiores as possibilidades de diferentes e múltiplas aprendizagens. (p. 18)

Sentir-se desafiado, é condição para que o aluno construa suas aprendizagens, esse desafio acontece quando o aluno é estimulado, convivendo com seus pares e interagindo com as diferentes oportunidades de aprendizado estando essas contempladas nas atividades do Programa Mais Educação.

Observando as interações entre os alunos no horário do almoço, espaço entre o turno regular e as atividades do Programa Mais Educação, Percebe-se como eles constroem sua identidade de pertencimento a um determinado grupo. Há os que gostam de esportes, os que preferem ouvir música, os que preferem ficar circulando entre os diferentes grupos. A maioria deles demonstra sentir prazer por estar ali, de conviver com os colegas de outras turmas, de outras Séries, de outro turno escolar.

Através das atividades do Programa Mais Educação são oferecidos espaços de aprendizagem e de socialização que permitem que essas construções de fato ocorram tendo em vista que a dinâmica do Programa contempla a formação de grupos de diferentes turmas possibilitando com isso que ocorram interações com aqueles que eles pouco conhecem, mas que entre ambos pode haver muitos interesses e afinidades.

GUARÁ (2006) nos atenta para a reflexão de que,

É na vida cotidiana que se objetivam as ações humanas e nela se inscrevem os resultados do conhecimento e desafios, humano, de suas conquistas. (GUARÁ, 2006 p. 17)

Hoje já existe uma preocupação de incentivo e de respeito às culturas juvenis, proporcionando novas práticas e novos saberes inseridos no turno integral. Os alunos passam pela escola, veem outros, mas o que nós, enquanto educador conhece deles, de suas preferências musicais? Como eles se divertem, que outros espaços de convivência eles tem com seus pares, como constroem suas relações de amizade? Quais são seus sonhos e o que desejam para suas vidas?

GARBIN (2009) nos ajuda a pensar sobre isso:

A escola tem se configurado como um espaço de encontro conversa diversão e sociabilidade, sendo muitas vezes o único lugar possível para expressividade em si, nas quais a presença e o olhar se tornam fundamentais. (GARBIN , 2009, p. 13).

A proposta de trabalho em jornada ampliada, na implantação do Programa mais Educação nos remete a um fazer pedagógico que nos leve a busca por espaços fora dos muros da escola, na própria comunidade ou no terço dela. Repensando a prática de oficinas em um espaço público chegamos à utilização de uma praça próxima da escola, e nesse espaço vem acontecendo as oficinas de percussão e de esportes.

Como não se dispõe de espaço para essas atividades dentro da escola e, decidiu-se utilizar a praça, enquanto espaço público, portanto de todos nós. Nada mais natural do que transformá-lo em um espaço de aprendizagens integrado a comunidade que os alunos vivem.

Para Jaqueline Moll (2009)

A cidade precisa ser compreendida como território vivo, permanentemente concebido, reconcebido e produzido pelos sujeitos que a habitam. Não basta o indivíduo estar no mundo, ele precisa ser agente atuante no lugar em que está inserido, colocando em prática as suas múltiplas aprendizagens. (MOLL, 2009, p.15).

O fato de estar ali, de modificar um local que antes não era utilizado pela comunidade, trouxe aos alunos a exata proporção de pertencimento e de um ato de cidadania e de que esses e outros espaços públicos podem ser educativos com a possibilidade de interagir, dialogar e de modificar para que esses espaços se tornem seus enquanto indivíduos pertencentes a essa determinada comunidade.

A escola como está posta tem encontrado dificuldades em desafiar, em despertar o interesse mais permanente do adolescente e jovem de hoje. No entanto, essa é para muitos o único espaço de convivência de socialização.

Os alunos passam pela escola, veem outros, mas o que nós, enquanto educador o que conhecemos deles, de suas preferências musicais? Como eles se divertem, que outros espaços de convivência eles tem com seus pares, como constroem suas relações de amizade? Quais são seus sonhos?

GARBIN (2006) nos ajuda a refletir:

Ser “dono” de uma identidade jovem diz respeito a manifestações simbólicas “provenientes da moda, da música, da linguagem, das práticas culturais” que acabam construindo as formas como os jovens se apropriam e resinificam seus corpos, lugares, objetos, atividades e consumos diversos. (GARBIN, 2006 p. 207)

Preocupados com o tempo, com o currículo muitas vezes nos esquecemos de que nossos alunos querem muito mais do que escutar o que temos a lhes ensinar eles querem ser ouvidos, querem falar de suas angústias, mostrar suas conquistas, fazer suas reivindicações. Enfim querem que entendamos o que de verdade importa a eles enquanto seres em formação.

Pensamos que devolver as ruas para nossas crianças e adolescentes não é somente utilizar os espaços públicos para suas aprendizagens e socializações. É antes de tudo interagir transformando esses espaços, imprimindo neles à identidade de pertencimento a comunidade na qual esse aluno está inserido enquanto cidadão, buscando deixar o registro desse momento histórico, suas indagações, indignações, angústias.

E por que não dizer de sua satisfação, prazer e alegria em poder estar agindo como ator da construção da história do seu entorno, do local ao qual ele pertence.

A instituição escolar não é o único espaço educativo, é preciso compreender e resinificar esses espaços e o processo de ensino aprendizagem, como condição do desenvolvimento integral dos sujeitos, ampliando sua relação com a comunidade e, por meio de trocas de saberes, pode promover um redimensionamento da sua prática pedagógica, tornando-se mais inclusiva e competente na sua ação educativa.

A Educação Integral no conceito mais tradicional é considera os sujeitos aprendentes em sua multidimensionalidade. Cabendo ao Programa Mais Educação a incumbência de ir muito além de ampliar os espaços escolares. Transformando esses espaços educativos como forma de oferecer aos jovens e adolescentes as aprendizagens que os tornem capazes de conhecer que papel ele quer desempenhar na sociedade a que eles pertencem.

O aluno que frequenta o Programa Mais Educação busca a construção de sua identidade convivendo com os colegas de outras turmas, participando das atividades oferecidas fora do espaço de sala de aula, querendo constituir-se enquanto sujeito

que aprende e que ensina através de uma metodologia diferenciada, que oportuniza a ele que essas aprendizagens venham carregadas de significados de identificação com aquilo que ele convive na sua comunidade.

Para Faure:

Se aprender é ação para toda uma vida, tanto na sua duração como na sua diversidade, assim como de toda uma sociedade, no que concerne quer às suas fontes educativas, quer às sociais e econômicas, então, é preciso ir ainda além à revisão necessária dos sistemas educativos e pensar na criação duma sociedade educativa. Esta é a verdadeira dimensão do desafio educativo do futuro. (FAURE ,1973, p. 34)

Isso se torna perceptível nas Oficinas de Esportes, também nas atividades das oficinas de Percussão, uma vez que muitos dos alunos convivem com esses saberes populares no âmbito de suas comunidades.

Participar de práticas que acontecem no bairro a que os alunos pertencem, sendo algo que acontece em seu meio e que faz parte da sua realidade apresenta-se para eles como algo desafiador, repleto de significados.

Essas representações que os alunos que frequentam o Programa Mais Educação da escola objeto dessa pesquisa passam pela forma como eles aparecem, se questionam, se confrontam com suas produções enquanto adolescentes que buscam ser aceitos, respeitados pelos diferentes grupos, diferentes tribos inseridas na escola institucional como um todo.

A escola precisa ser também espaço de aprendizagens de danças, de música, de prática de esportes, de construção de conhecimento que vai muito além da sala de aula que por vezes torna-se tão distante daquilo que é do interesse do adolescente e o do jovem da escola da atualidade.

Arroyo (2007) nos remete a pensar que:

A articulação entre tempos de sobrevivência e tempos de escola é demasiado tensa para milhares de crianças, adolescentes, jovens adultos populares. Enquanto essa tensão não for equacionada e enfrentada com políticas corajosas da infância, adolescência e da juventude, o direito à educação continuará distante. (ARROYO, 2007, p. 405)

Mas que graças às dinâmicas do Programa Mais Educação que busca tempos e espaços diferenciados surgem às possibilidades de convivência, de trocas, de diálogo e de interações no processo de constituir-se como sujeito que aprende a partir de suas vivências.

Muitos dos alunos entrevistados dizem que para eles fazer ~~participar~~ parte das atividades oferecidas no Programa Mais Educação faz com que eles sejam desafiados e que para eles aprender a tocar determinado instrumento musical representa algo deslumbrante uma vez que muitas vezes eles não conseguem apreender os conteúdos de determinada área do conhecimento.

Na fala de um deles tocar o instrumento é mais difícil do que entender determinado conteúdo. É maravilhoso perceber o brilho no olhar desse aluno durante essa colocação, percebendo que essa aprendizagem tem para ele um significado inexplicável e repleto de encantamento.

Os saberes escolares estão postos numa hierarquização onde determinada disciplina tem mais valor, e outras, como Artes e Educação Física, por exemplo, tem pouca importância. Como se o corpo e as emoções estivessem fora do sujeito que ensina e que aprende.

Entretanto na sociedade contemporânea o corpo tornou-se um discurso dominante que não somente vende produtos, mas também como determinante do estilo de vida e dos valores de cada sujeito.

Recorro a Foucault que me ajuda a pensar.

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra, senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para que os sujeitos que falam, senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso, senão uma distribuição e uma apropriação do discurso de seus poderes e seus saberes. (FOUCAULT, 1998, p.44)

A escola hoje está se dando conta que é necessário uma pedagogia de estímulo, incentivo e respeito a novos saberes, novas práticas de aprendizagens, no Turno Integral e no currículo. Portanto, o sujeito, que aprende, ao incorporar um novo conhecimento, resultante de sua inserção com os demais sujeitos sociais, sofre uma transformação. Pode se pensar que sim, a escola está comprometida com a constituição de sujeitos alunos de determinadas formas, e a Educação Integral também faz parte desta lógica.

As atividades que envolvem o corpo estão presentes na dinâmica do Programa Mais Educação enquanto oportunidade de conhecimento das potencialidades, das interações, e de reconhecimento enquanto ser humano em sua totalidade e socialização.

Para a escola ser reinventada é necessário que os alunos envolvidos no processo como um todo sejam ouvidos, sejam vistos como atores na construção de sua própria história, como aqueles que participam que opinam e que se sentem como parte integrante das suas comunidades a qual eles pertencem.

Frago leva a reflexão de que:

O espaço da escola não é apenas um continente em que se acha a educação institucional., isto é, um cenário planejado, a partir dos pressupostos exclusivamente formais no qual se situam os atores que intervêm no processo de ensino aprendizagem para executar um repertório de ações. A arquitetura escolar é também, por si mesma, um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigência, marcos para as aprendizagens sensoriais e motoras de toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (2001, P. 26-27).

Buscando serem ouvidos, serem respeitados, serem agentes que modificam a realidade que por vezes se apresenta tão distante daquilo que os adolescentes e os jovens da escola contemporânea sonham, desejam para si e para os que com eles convivem e partilham seus ideais de democracia, de construção de cidadania.

A partir do pensamento de Teixeira reflito que:

Essa reconquista (dos espaços públicos pela criança, a partir da escola) requer o rompimento da escola/prisão/fortaleza e sua transformação na escola/prça/parque. (1936, p. 101)

O espaço que não se apresenta como educativo, quer seja pela sua arquitetura, quer pelo significado que a ele seja atribuído por nós quer pela sua natureza pode sim tornar-se espaço educativo a partir das representações que passemos dar a ele ou pelos arranjos necessários e as práticas pedagógicas dos pressupostos atribuídos à dinâmica do formato do Programa Mais Educação através possibilidades de aprendizagens oferecidas pela dinâmica do mesmo.

De acordo com o SECAD (2010)

Entretendo, é importante que a perspectiva não seja apenas e de suprir carência de espaços da escola, mas a de efetivamente estabelecer parcerias que potencializem a relação com a comunidade, em uma perspectiva de território educativo.(SECAD/MEC , 2010)

Resignificando os processos educativos para ampliar o desenvolvimento humano, construir múltiplas possibilidades de apreensão de conhecimento escolarizadas para o desenvolvimento de diferentes habilidades e competências, promover articulações de convivência no espaço escolar, apresenta-se como forma para que a Educação Integral de fato aconteça.

Reconhecer os saberes que estão além dos currículos escolares apresenta-se como possibilidade de construção de aprendizagens de novas áreas de conhecimento até então fora dos conteúdos do ensino regular através das práticas pedagógicas do Programa Mais Educação contribui para a transformação dos sujeitos que buscam na escola a construção de sua identidade enquanto cidadão da escola que ensina, protege e valoriza todas as suas conquistas e representações.

Percebe-se a identificação que alguns alunos tem com o monitor de determinada oficina principalmente por eles pertencerem a mesma comunidade, pela que representa para esse aluno ter alguém que ele é familiar inserido no espaço educativo do qual ele faz parte e com ele conviver aprendendo e ensinando, pois são nas trocas que se dão entre quem aprende e quem ensina que as aprendizagens de fato acontecem.

A escola deve ser o local de construção de significados para a vida, neste sentido há um grande desafio, o de reconhecer os saberes que se situam além dos currículos constituídos, promovendo um constante e fértil transformação no sujeito. Conhecer este sujeito e como ele constrói e desenvolve suas habilidades, como ele assume seu papel de cidadão comprometido com o mundo através de um processo reflexivo e transformador.

Refletindo com Piaget:

Para apresentar uma noção adequada de aprendizagem é necessário explicar primeiro como o sujeito consegue construir e inventar e não apenas como ele repete.(1974, p. 88)

A escola contemporânea precisa reconhecer que ninguém educa sozinho que para educar é preciso diálogo com toda a sociedade e trazer para junto de nós os líderes comunitários, a família os doutores e profissionais de todas as áreas, as igrejas, as ONGS, enfim todos aqueles que estão envolvidos na formação intelectual, social e cidadã de nossas crianças, adolescentes e jovens alunos. Cada cidadão tem seus saberes, que articulados são capazes de construir um projeto

que possibilite aos nossos estudantes serem solidários, bem informados, e felizes por atuarem em seu meio.

3 TECENDO CONSIDERAÇÕES FINAIS

O adolescente e o jovem da escola contemporânea quer mais do que estar na escola ele quer ser parte dela, ser ator, ser protagonista, ser formador de opinião, ser agente transformador, quer construir uma identidade de pertença a comunidade na qual está inserido,

Buscando conviver com seus pares, interagir construindo aprendizagens que possam contribuir para sua formação como ser que ensina que aprende que quer ser respeitado em sua individualidade.

Crescendo enquanto ser humano e desenvolver suas potencialidades aprimorando suas habilidades, com o objetivo de ser tornar um sujeito capaz de conviver, de compreender e de modificar o seu entorno bem como, o ambiente no qual está inserido,

Sobretudo para muitos dos nossos alunos a escola representa mais do que um espaço de aprendizagens cognitivas é, sobretudo espaço de escuta, de diálogo, de construção de identidade de exercício de cidadania é o local onde ele se constitui como cidadão.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Imagens quebradas. Trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis. RJ: Vozes 2004.

Artigo Arquitetura como programa, espaço-escola e currículo. In:VIÑAO FRAGO, A.&, ESCOLANO,A . **Currículo e Subjetividade. A arquitetura como programa.** Rio d Janeiro: Dp&a,2001.

FAURE, Edgar . **Aprender a ser Lisboa:** Livraria Bertrand,1973.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In DREYERFUS , H., P. FOUCAULT, MICHEL. **Uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. R.J. Forense Universitária , 1995. 231-249.

GARBIN, Elisabete Maria. **Cenas juvenis em Porto Alegre “Imaginações”, moralismo e estilo como marcas indenitárias.** IN: SOMMER, Luís Henrique, BUJES, Maria Isabel Edelweis (org) Educação e Cultura Contemporânea Articulações, Especulações e Transgressões e novas paisagens. Canoas. ULBRA, 2006.

GARBIN, Elisabete Maria. **Diferentes de alguns, iguais a outros. As culturas juvenis invadem a escola.** IN: CAVALCANTE, Marcia H. Kobolt: SOUZA, Rui Antonio de (org.). Culturas Juvenis dinamizando a escola. Porto Alegre: Edupucrs, 2009.

GUARÁ, Isa M. F. R. **É imprescindível educar integralmente.** *Cadernos Cenpec:* Educação Integral. N.2, p.15-27, 2006.

MARQUÊS, Tânia-B.I. **Epistemologia Genética** . In Sarmento . D.F. RAPORT e FOSSATI P. (org) Psicologia da Educação : perspectiva teóricas e implicações educacionais . Canoas : Salles , 2008.

MOLL, Jaqueline. **Um paradigma contemporâneo para a educação integral.** In Revista Pátio. Ano XIII, nº 51. Ago/out 2009.

PIAGET, Jean (1959). **Aprendizagem e Conhecimento.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos,1974

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL Woodward, kathryn. **Identidade e Diferença.** Petrópolis: Vozes, 2008.

SECAD/MEC: **Educação integral/educação integrada e (m) tempo integral:** concepções e práticas na educação brasileira. Mapeamento das experiências de jornada escolar ampliada no Brasil.

TEIXERA , Anísio. **Educação Integral para democracia** . Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1936.